



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

LET- DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

HYORRANA NASCIEMTO ALVES

**LITERATURA NAS ESCOLAS: LER LITERATURA
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E
ENSINO MÉDIO**

Brasília
2018

LITERATURA NAS ESCOLAS: LER LITERATURA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

Monografia final apresentada Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília - TEL - UnB, como parte integrante dos requisitos necessários para obtenção do certificado de graduação.

Metodologia de pesquisa: práticas de leitura para literatura

Orientador: Prof. Dr. Robson Coelho Tinoco

**LITERATURA NAS ESCOLAS: LER LITERATURA
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E
ENSINO MÉDIO**

HYORRANA NASCIMENTO ALVES

Monografia

Banca:

Robson Coelho Tinoco (TEL-UnB) – Orientador

Dedico este trabalho à minha mãe Marta do Nascimento.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Robson Coelho Tinoco, por acompanhar e saber como é importante o papel que a literatura desempenha em todos os níveis de ensino e também fora da escola.

À minha mãe, Marta, que sempre lutou para que eu colocasse meus pés no chão sem soltar da minha mão mesmo nos voos mais altos. E à minha irmã, Giovanna, que me ensinou a lição de que aprender é muito bom, mas que bom mesmo é compartilhar o que aprendemos.

[...] só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura. (BARTLES, 2007, p.15).

RESUMO

A literatura nas escolas tem se apresentado cada vez mais importante na sociedade em que está inserida. Este trabalho pretende discutir e analisar os diferentes aspectos do papel da leitura e a literatura nas escolas com enfoque nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio bem como a pragmática que envolve esse universo e suas atividades pedagógicas.

O presente trabalho está dividido em 3 capítulos. O primeiro capítulo busca fazer um apanhado histórico dos caminhos que a literatura tem percorrido desde o advento da escrita até a atualidade. O segundo capítulo intitulado “Literatura e formação social” mostra como a literatura influencia no cotidiano da vida em sociedade. O capítulo 3 pretende explicitar como é a relação da literatura com o ensino e a escola, para este fim, foi realizada uma pesquisa quantitativa de dados em relação aos livros didáticos e seus conteúdos, o que permitiu a afirmação da escassez de textos literários existentes nos mesmos. Cada capítulo busca dinamizar os assuntos abordados de forma crítica e teórica.

Como resultado pode-se concluir que a literatura nas escolas evoluiu muito desde sua implementação, entretanto ainda possui muitos desafios e o que avançar pela frente.

Palavras-chave: literatura, livros didáticos, leitura, letramento literário, escola.

RESUMEN

La literatura en las escuelas se ha presentado cada vez más importante en la sociedad en que está insertada. Este trabajo pretende discutir y analizar los diferentes aspectos del papel de la lectura y la literatura en las escuelas con enfoque en los años finales de la enseñanza fundamental y enseñanza media bien como la pragmática que envuelve ese universo y sus actividades pedagógicas.

El presente trabajo está dividido en 3 capítulos. El primer capítulo busca hacer un recuento histórico de los caminos que la literatura ha recorrido desde el advenimiento de la escritura hasta la actualidad. El segundo capítulo titulado "Literatura y formación social" muestra cómo la literatura influye en el cotidiano de la vida en sociedad. El capítulo 3 pretende explicitar cómo es la relación de la literatura con la enseñanza y la escuela, para este fin, se realizó una investigación cuantitativa de datos con relación a los libros didácticos y sus contenidos, lo que permitió la afirmación de que hay una escasez de textos literarios en estos libros. Cada capítulo busca dinamizar los asuntos abordados de forma crítica y teórica.

Como resultado se puede concluir que la literatura en las escuelas ha evolucionado mucho desde su implementación, sin embargo, todavía tiene muchos desafíos y lo que avanzar.

Palabras clave: literatura, libros didácticos, lectura, letra literaria, escuela.

SÚMARIO

Índice de tabelas.....	10
Introdução.....	11
Capítulo 1.Histórico.....	11
1.1.O que é literatura?.....	11
1.2. Leitura, literatura e o mundo.....	12
Capítulo 2. Literatura e formação social.....	13
2.1. Formação de leitores autônomos.....	13
2.2.Políticas públicas para a literatura.....	15
2.3. Literatura para formação de consciência e cidadania.....	17
2.4. Porque ler literatura?.....	18
2.5. Importância da literatura.....	19
Capítulo 3. Literatura e escola.....	20
3.1. O surgimento da leitura literária nas escolas.....	20
3.2.Preparação para a leitura.....	22
3.3. Metodologia e literatura.....	23
3.4. Leitura da literatura.....	25
3.5. A escola.....	28
3.6. O ensino da literatura nos livros didáticos.....	29
3.7. O estímulo à leitura.....	33
Considerações finais.....	35
Bibliografia.....	35

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Coleções de língua portuguesa mais distribuídas em 2017 nos anos finais do ensino fundamental.....	31
Tabela 2: Continuação.....	31
Tabela 3: Coleções de língua portuguesa mais distribuídas em 2015 no ensino médio.....	32
Tabela 4: Continuação.....	34
Tabela 5: Editoras mais vendidas em 2017.....	35

INTRODUÇÃO

Ler é um hábito que vai se adquirindo ao longo dos anos e não se desenvolve somente em pequenos espaços de tempo. O que atualmente se vê nas escolas é “a impressão de que é entre o proibido e o obrigatório que o gosto pela leitura deve se dar, pois muitas vezes é com uma visão utilitarista que se deseja que os jovens leiam (obter boas notas, passar no vestibular), ficando a dimensão prazerosa da leitura restrita ao universo do luxo”. (PETIT, 2008, p. 122).

Partindo do ponto que a escola é a maior instituição de transmissão de arte, cultura e saber, a leitura da literatura com prazer se torna um desafio para a mesma. Esta pesquisa então tem o intuito dissertar sobre as dificuldades encontradas atualmente pela escola bem como por seus alunos, docentes e funcionários, principalmente nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, em relação a barreira que até hoje se encontra na literatura e como esta pode ajudar na ascensão do indivíduo em pensamento.

Capítulo I – HISTÓRICO

1.1 O QUE É LITERATURA?

Segundo Silva(2009) a

...palavra derivada do latim litteratura/littera abarca, entre outros sinônimos, o sentido de escritura, instrução, saber, arte de escrever. Tal explicação justifica o fato de que toda a produção científica e filosófica sobre um assunto específico produzida pelo homem foi, sobretudo no passado, e ainda é, considerada literatura. Somente a partir do século XIX, com a ascensão da classe burguesa e com a afirmação do romance como gênero, a palavra literatura apresenta nova denotação. Muito se discute acerca do que é literatura. Na época clássica, os gregos denominavam de arte poética os textos escritos em versos – épico e drama – que, segundo eles, eram representação da vida. Esses gêneros, com o tempo, foram se transformando e assumindo uma linguagem prosaica e burguesa até se constituírem novos gêneros tais como as novelas de cavalaria, depois o romance. Assim, verso passou a ser domínio da lírica, que era considerada, pelos gregos, como arte menor, uma vez que não era representação do mundo; mas, sim expressão de uma subjetividade.(SILVA,2009, p.44)

Literatura durante o caminhar dos séculos já possuiu vários significados, nos dias atuais a literatura “se caracteriza pelo seu alto caráter ideológico, associado à reunião de características intrínsecas a esse discurso.” Neste sentido, a “criatividade, a imaginação, a ficção, as formas composicionais fixas, desde a ode, o soneto – forma fixa de composição –, as elegias, até a poesia moderna que se caracteriza pela prosa ou ainda o poema-imagem; desde o romance e a epopeia até a crônica” são manifestações literárias. (SILVA, 2009, p.48)

1.2 LEITURA, LITERATURA E O MUNDO

O processo de evolução da leitura aconteceu à medida que as práticas humanas foram se modificando, exigindo novas tecnologias de leitura. Por exemplo, primeiro os escritos foram em tábuas de barro, de metal, em couro, em papiro – rolos de 6 a 10 metros –, depois em pergaminhos, até que veio o papel: daí a invenção da forma códex no império romano, a evolução para o códice, em papel, em livro impresso com a invenção da imprensa, e hoje há, inclusive, o livro eletrônico.

O homem primitivo lia os sinais deixados nas cavernas, os desenhos rupestres que podiam remontar fatos, ser indícios, avisos; lia mensagens deixadas em cascas de árvores, desenhadas em pedras etc. Com a evolução das práticas sociais, à medida que as necessidades apareciam, o homem foi progredindo. Assim, pode-se associar o nascimento da leitura como fenômeno lingüístico – que evoluiu para a técnica atual – às práticas comerciais. Por volta do século VI antes de Cristo, porque não havia formas de se registrarem os acordos que eram realizados verbalmente, e isso se tornava, muitas vezes, um imperativo, foram se instituindo códigos e símbolos que marcavam os contratos. Por exemplo, para cada compra realizada dava-se um nó em uma corda ou para cada ovelha vendida separava-se uma pedra de cristal.

Essa prática prevaleceu durante o império babilônico. Mas, de acordo os registros mais antigos, foram os sumérios que tiveram a esplêndida ideia de associar som ao referente e dar ao som um símbolo gráfico. Dessa forma, nasce a forma escrita de se ler, criando o sistema de símbolos para a linguagem: a fonografia, os pictogramas, os hieróglifos, a escrita silábica ou logossilábica, a escrita alfabética. Esses sistemas evoluíram e, provavelmente, cada um se efetivou de acordo com objetivos diferentes. Não se pode falar em evolução de um sistema para outro, de forma sistemática e histórica, como se de um sistema simbólico derivassem outros; tanto é certo, que esses símbolos lingüísticos coexistem até hoje. A evolução para o foneticismo acontece de forma lógica.

Vale ressaltar que toda essa revolução no processo de aquisição da escrita e da leitura acontece ligada às práticas comerciais, às necessidades de registro contábeis, transações, escrituras, expedição de documentos oficiais. E a escrita expande-se pelo mundo a fora, tomando em cada sociedade características específicas. Não há registro escrito de textos criativos no início das civilizações; a arte literária pelo prazer ficava confinada ao texto oral. Os textos épicos e dramáticos eram perpetuados pela oralidade constituindo, inclusive nos primórdios, uma das formas de diversão da população: as declamações em público e o teatro, ou seja, os grandes poemas épicos e os dramas.

Talvez devido à dificuldade que se tinha em registrar e manusear os textos, a escrita fosse destinada aos documentos de ordem mais pragmática. Os textos apareciam em forma de instrução, já que se escrevia ao escriba – profissão de grande valor na antiguidade – para que ele repassasse a mensagem ao seu real destinatário ou realizasse alguma atividade. A mensagem final, lida pelo escriba, privilegiava ainda a oralidade porque instruía alguém a realizar uma prática.

O processo de aquisição da escrita daquela época deixou-nos muitas heranças, uma vez que se percebe entre a prática pedagógica deles e o processo de alfabetização da atualidade grande semelhança. O estudante observa a letra e a reproduz; no caso dos

ancestrais, reproduzia-se o sinal ou a sílaba, de acordo com a cultura. Aprendia-se a ler memorizando e, à medida que o estudante aprendia, avançava para textos mais complexos: provérbios, frases, listas de nomes, textos inteiros. A concepção escolar era voltada para a formação de profissionais ligados ao comércio. O sistema escolar atendia os estudantes a partir dos sete até os 18 anos de idade, quando eram inseridos no mercado de trabalho. Constata-se que muitas dessas características ainda são observadas na atualidade.

No princípio das civilizações, toda a literatura criativa permaneceu oral e somente com os gregos, quando o sistema da escrita já estava consolidado, por volta do século IV a. C., é que a escrita perdeu a sua característica mais marcante – registrar informações – e passou a ser forma de validar conhecimentos, valores e registrar textos reflexivos, de ordem filosófica. (SILVA, 2009, p. 17-18)

Pode-se perceber que o processo de leitura está atrelado aos processos sociais e a evolução do homem e a das civilizações. No decorrer da trajetória do homem, segundo Silva (2009) houve-se a necessidade de, de alguma forma, registrar os acontecimentos mais importantes na sociedade. Ainda de acordo com Silva (2009)

Os gregos contribuíram de forma significativa para a consolidação da leitura e da escrita nas sociedades de seu tempo: “a leitura não era mais um simples recurso de memória, mas um canal autônomo para a transmissão de informação, interpretação e criação” (ibidem, 51). A habilidade da escrita dava às sociedades glamour e status de cultura letrada. Tal qual os gregos, os romanos usavam-na para registrar suas leis, as quais eram postas nos grandes centros urbanos para que todos reconhecessem o estágio cultural da sociedade. Nessa atitude não se percebia preocupação com a prática da leitura por parte da população, mas sim com o efeito *status-quo* que a escrita dava aos governantes. O prestígio da leitura e da escrita cresceu e, por conseqüência, estabeleceu-se o status de cultura letrada para as sociedades que assim passaram a agir.

O grande sucesso de Odisséia só foi ultrapassado no século IV depois de Cristo, quando os escritos sagrados tiveram grande repercussão no mundo, foram traduzidos e copiados para diversas línguas e recebidos como verdades eternas. Foram os gregos também os primeiros a registrarem suas reflexões filosóficas, em torno da oratória, dos gêneros literários e das artes. Pode-se dizer, inclusive, que a teoria literária nasceu juntamente com a teoria dos gêneros.

Devido à estreita relação da escrita com a oralidade, a leitura esteve durante toda a antiguidade clássica atrelada à oratória, à retórica persuasiva; por isso, quando se fala nos sentidos do ato de ler na antiguidade, pensa-se logo em declamar, falar em voz alta. Apenas na Idade Média, consolidou-se como atividade individual e silenciosa devido à postura da classe eclesiástica ao realizar suas leituras. Contudo, a oralidade ainda tinha muito valor, principalmente quando se pensa em texto literário, devido às formas de perpetuação destas modalidades de textos: fictícios, lendas, mitos, narrativas épicas, novelas.

O processo de aquisição da leitura e da escrita, sobretudo para esse tipo de literatura, sofreu alguns impactos negativos, devido às guerras pelas quais passou o Império Romano e ao tribunal da Santa Inquisição. Mas, para livrar-se das possíveis perseguições advindas da proclamação de textos – considerados heréticos – em praça pública, a leitura silenciosa passou a ser valorizada, cultivada e praticada, pelos leitores da Era Medieval. Diferentemente do que ocorreu com os gregos, ler silenciosamente era, para estes, uma atitude que causava espanto e para aqueles uma necessidade, para se protegerem. Há muitos registros na história de que as pessoas se surpreendiam quando viam outras lendo em silêncio, como se essa atitude fosse algo grandioso e difícil; por exemplo, as tropas de Alexandre, o Grande, ficaram surpresas, quando o presenciaram lendo silenciosamente.

Os textos *Ilíada* e *Odisséia* são considerados épicos primários⁴ devido a essa estreita ligação com a oralidade. No contexto social dessas obras, podem-se reconhecer dois

tipos de leitores: os leitores ativos e os leitores passivos. Ser leitor ativo significava ser o leitor prático, dominar o código escrito estabelecido e transformar-lo em linguagem oral. Ser leitor passivo significava ouvir alguém decifrando um código escrito. Lia-se a leitura prática do outro.

Apesar de a população romana, se comparada à população grega, ter um número bem significativo de leitores reais, o número de leitores passivos ainda era bem maior do que os ativos. Nesse contexto de transição de cultura oral para a cultura escrita, pelo qual passava a civilização romana, Virgílio produziu textos com marcas bastante fortes da escrita.

São Benedito e Santo Agostinho, na Idade Média, contribuíram significativamente, em suas práticas doutrinárias, nos monastérios, para a consolidação da leitura silenciosa. E, aos poucos, o texto escrito ascendeu nas sociedades e se adaptou a elas. (SILVA, 2009,p.20-22)

CAPÍTULO II – LITERATURA E FORMAÇÃO SOCIAL

2.1 FORMAÇÃO DE LEITORES AUTÔNOMOS

Mediação leitora acontece de forma processual e ocorre antes mesmo dos alunos chegarem efetivamente à escola. Já dentro da escola, um embate que os alunos enfrentam é a falta de livros para o ensino fundamental. Segundo Oliveira (2012)

O não reconhecimento da importância da leitura (...) é um agravante a pouca oferta de livros para (...) segmento educacional. Enquanto não houver políticas públicas que reconheçam o direito que o aluno tem ao livro, o mercado editorial estará sempre defasado e o convencimento da importância desses pequenos objetos nessa fase escolar estará sempre distante. Portanto, a inserção de livros literários para (...) fase escolar será uma conquista bastante difícil de ocorrer. E sendo poucas as opções de livros de literatura para(...), torna-se ainda mais complexa a escolha criteriosa desses livros. (OLIVEIRA, 2012, p. 39)

Ainda sobre a escassez de livros para formação de leitores autônomos Oliveira (2012) afirma que

Leitores (...) merecem o privilégio de serem estimulados por meio de obras de literatura, entretanto nem todo livro indicado para crianças propicia uma aprendizagem positiva. As obras literárias que serão utilizadas em sala de aula devem ser avaliadas cautelosamente. É necessário que se verifique se esses livros são adequados ou possuem qualidade suficiente para a função designada de (...), letrar e estimular a formação de leitores competentes e autônomos. (OLIVEIRA, 2012, p. 42)

Outro embate que a formação de leitores enfrenta é a escolha de livros “considerados bons” para este propósito. O conceito do que é bom ou ruim é muito relativo, a tarefa do professor é encontrar livros que sejam interessantes aos olhos de seus alunos e buscar recursos para chamar a atenção de leitores iniciantes. Neste sentido Oliveira (2012) traz que

Como não é possível classificar objetivamente o que é um bom livro de literatura infantil, aconselha-se aos professores que irão selecionar obras literárias alguns requisitos básicos: os livros devem ser aceitos pelas crianças, bem recepcionados por pais e professores e avaliados por especialistas, que irão analisar as técnicas de ilustração, os recursos gráficos e os recursos textuais, e de modo especial, o professor deve fazer tudo isso considerando as particularidades de cada sala de aula e de cada educando. (OLIVEIRA, 2012, p. 41)

É importante trazer leitura que “encantem” os alunos. Neste sentido, o professor deve trazer questões que façam o aluno refletir e encontrar novos sentidos para os textos. Segundo Eiterer e Abreu (2009)

[...] a leitura literária é uma dimensão significativa da cultura, nos instiga, mexe com nosso íntimo, nos remete a lembranças, nos faz refletir, repensar a realidade e nos “tira do lugar-comum”, projetando futuros possíveis. Possibilitar encontros significativos com a literatura brasileira (...) na EJA, é o que desejamos, uma vez que, mediar o acesso à literatura é também abrir portas ao desconhecido, ao inusitado, ao imaginário. (EITERER e ABREU, 2009, p.159).

Para completar Angelo e Menegassi (2011) trazem

Nas situações de ensino de leitura, cabe ao professor, como mediador da interação entre o aluno e o texto, propiciar condições para que o aluno se aproprie das marcas do instituído socialmente e, desse modo, torne a sua consciência mais aguçada e mais abrangente de forma a somar ao texto algo de suas experiências individuais, transformando as palavras “alheias” em palavras “próprias”. (ANGELO E MENEGASSI, 2011, p.218).

2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LEITURA

As políticas públicas podem ser consideradas marcos e conquistas civis, sociais e políticas dos cidadãos (MORAIS, 2010). Um grande exemplo e marco desta conquista foi a instituição da Política Nacional do Livro (decreto 7.559, de 1º de setembro de 2011) que traz projetos, eventos e atividades relacionados ao livro. Segundo este

Art.1º O Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL consiste em estratégia permanente de planejamento, apoio, articulação e referência para a execução de ações voltadas para o fomento da leitura no país. § 1º São objetivos do PNLL: I - a democratização do acesso ao livro; II - a formação de mediadores para o incentivo à leitura; III - a valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico; e IV - o desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional. (BRASIL, 2011).

De acordo com Ogliari (2013) para

...alcançar o objetivo de formar comunidades de leitores em âmbito nacional, o PNLL trabalha a partir de quatro eixos de atuação, conforme os objetivos estipulados no parágrafo primeiro do decreto 7.559/2011: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação de mediadores; valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; e desenvolvimento da economia do livro. São realizadas diversas ações com o intuito de democratizar o acesso, tais como implantação de novas bibliotecas; fortalecimento da rede atual de bibliotecas de acesso público integradas à comunidade; criação de novos espaços de leitura; distribuição de livros gratuitos em diversos formatos acessíveis; melhoria do acesso ao livro e a outras formas de expressão da leitura; e disponibilização e uso de tecnologias de informação e comunicação, contemplando os requisitos de acessibilidade.

No eixo de fomento à leitura e formação de mediadores destacam-se as ações de promoção de reconhecimento de experiências e práticas de incentivo e fomento à leitura; formação de mediadores e de leitores; projetos sociais de leitura; estudos e fomento à pesquisa nas áreas do livro; sistemas de informação nas áreas de biblioteca, bibliografia e mercado editorial; e prêmios de reconhecimento às ações de incentivo e fomento às práticas sociais de leitura. No eixo três de atuação do PNLL, que se refere à valorização institucional da leitura e de seu valor simbólico, destacam-se ações para converter o fomento às práticas sociais da leitura em política de Estado; e ações para criar consciência sobre o valor social do livro e da leitura. (OGLIARI, 2013, p. 37)

Apesar de avanços na última década em relação às políticas públicas para leitura, literatura e livro, há de se pensar na prática real que acontece no ensino da literatura, na maioria das vezes, os alunos só possuem acesso à literatura se for por intermédio do professor que muitas vezes causa sensação de enfado ao invés de prazer nos alunos. As políticas públicas educacionais ainda está equivocada em colocar o professor “numa função que, apesar de bem-sucedida em alguns casos, em outros o transformam em mero propagandista persuasivo da leitura;” Sendo assim “a leitura pode perder sua especificidade. Compreender esse mecanismo talvez seja fundamental para o mestre, já que ele é o mediador entre a literatura e o aluno. Assim, com sua prática inovada, talvez o aluno possa conquistar ou até mesmo estabelecer o prazer de ler.” (SOUZA, 2009)

Ainda segundo Souza (2009)

...quando há a compreensão pelo professor dos mecanismos das políticas estabelecidas pelo sistema, também há a possibilidade de se iluminar o contexto escolar com discussões de propostas para usos do texto literário em sala de aula. A partir disso, surge a possibilidade de o aluno entender em que consiste estudar literatura e opinar sobre o que ele acha do estudo da literatura na escola. Entretanto, é preciso estar atento para o fato de que possam surgir armadilhas, através de técnicas e procedimentos prontos, que procuram estabelecer uma harmonia aparente, mantendo intacto o desencontro entre o leitor e o texto. É necessária uma reflexão no que diz respeito aos professores da era moderna, uma vez que eles possuem um vasto acervo de fundamentos teóricos que lhes possibilitam uma melhor compreensão do processo pedagógico e a possibilidade, se necessário, de alterarem suas práticas de ensino da leitura. A expectativa que

se cria é a de que, com esse acervo em mãos, os professores se movam, através de estudos, pelos diferentes lugares de significação no complexo campo teórico e consigam colocar em evidência possíveis articulações entre os textos, revendo suas posturas pedagógicas frente ao encaminhamento e a orientação da leitura. (SOUZA, 2009, p. 57)

Diante do exposto pode-se salientar que grandes batalhas já foram vencidas, no entanto, ainda há outras que precisam ser travadas. É preciso formar leitor consciente, crítico e reflexivo durante e até depois de sua vida escolar e para isso se faz necessário uma reflexão das políticas e das práticas educacionais.

2.3 LITERATURA PARA FORMAÇÃO DE CONSCIÊNCIA E CIDADANIA

Como afirma Souza (2009), “leitura é um importante instrumento para a libertação da massa menos favorecida social, econômica e politicamente, porque ela é o começo de um processo para a reconstrução da cidadania da grande maioria da sociedade brasileira.”

Para a autora, ler e buscar conhecimento significa desatar as amarras da sociedade burguesa que insiste em dominar sobre as demais. Uma “sociedade letrada, a possibilidade do exercício da crítica através da leitura de livros é bem maior que aquelas proporcionadas por outros veículos de comunicação.” Neste sentido

...o aumento do público leitor significa o acesso à informação. Entretanto, existe uma contradição relacionada ao fato de o acesso ao livro ser um referente do distanciamento entre o discurso utópico sobre a importância da leitura e as condições concretas de sua produção, vividas ainda hoje pela população brasileira. , quase não há condições para a realização efetiva de leitura. (SOUZA, 2009, p.12)

No contexto escolar pode- se afirmar a literatura como

... estratégia de ensino curricular ou para reforçar valores, como é o caso das fábulas e alguns textos que discutem problemas familiares, econômicos, drogas, perdas, de maneira explícita levando o leitor a certo conformismo. A literatura nesse caso deixa de ser um objeto estético, um elemento de prazer e passa a ser vista como doutrinação. Como consequência, a criança ou o adolescente se afasta do livro. Baseando-se nesses aspectos, cabe aos agentes sociais saberem a distinção entre ambas, de modo que os processos de socialização e educação das novas gerações, dentro dos quais se encontram os processos de leitura, se tornem mais pertinentes e significativos para o leitor. Entretanto, para que isso aconteça, o leitor necessita entender que um texto sempre absorve e se refere a um determinado domínio da realidade. Ele pode também funcionar como uma ponte para determinados aspectos do mundo das objetividades. Compreendê-lo significa compreender a relação dinâmica que ele mantém com um determinado contexto. Questionamos ainda o mito sobre a veracidade da palavra escrita, ou seja, não se pode concordar com os que acreditam que tudo que está escrito seja imutável ou verdadeiro. (SOUZA, 2009, p.13-14)

De acordo com Souza (2009), os professores e toda a escola precisa ter a percepção que a leitura precisa ser “significativa” para os alunos e que faça parte de sua realidade para que assim possa compreendê-la e até mudá-la, buscando sempre desenvolver nos alunos o senso crítico.

Já “para a classe dominante, convém bloquear a circulação de obras reveladoras, assim como é importante que os textos fragmentem ao máximo a totalidade dos fatos sociais, escondendo os processos através dos quais eles foram gerados.”

2.4 PORQUE LER LITERATURA?

Segundo Diniz (2012)

Quando o assunto é a leitura de obras literárias, o que se observa é um desajuste entre teoria e prática, expectativas e resultados, ainda mais quando se trata da tomada de gosto por esse tipo de leitura, ou seja, da formação de um público leitor. Estão na base desse desequilíbrio certos silêncios, ou ausências de debates mais pragmáticos, sobre o que se espera realizar por meio da leitura literária e como chegar a uma leitura literária eficiente, isto é, aquela em que o sujeito lê, compreende o que lê, sente prazer⁶ durante o processo, aprende com ele, tem vontade de renovar tal experiência.

Menos óbvia do que parece, a pergunta “por que queremos que os jovens leiam?” deveria ser o ponto de partida – ou, ao menos, um deles – em qualquer pesquisa que focasse a formação de leitores não só na escola como também na família. “Que espécie de relação queremos que essas crianças e esses adolescentes estabeleçam com a leitura de literatura?” é a pergunta que se segue. Mais do que uma provocação – aliás, à parte de uma provocação, essa é uma pergunta legítima, para a qual não existe uma só resposta –, trata-se de uma pergunta que, no mais das vezes, não é feita, numa atitude que encara a questão como autoexplicativa, o que não chega perto de ser justo, muito menos produtivo. E, ao desprezarmos a pergunta (e ignorarmos a resposta), acabamos por não saber por onde começar o processo de formação de leitores, simplesmente porque não pensamos bem – não pensamos precisamente, ou mesmo cientificamente – o que significa formar leitores e qual o objetivo de formarmos leitores. (DINIZ, 2012, p.21)

Se a pergunta for feita “a um professor de Ensino Médio – ou a uma mãe em uma família de uma classe social privilegiada– por que querem que os jovens leiam literatura, e a resposta será, na maioria das vezes, confusa, lacônica ou tautológica.” A resposta que se pode formular é que a única “certeza unívoca (...) é a de que não se pode falar em literatura sem colocar no palco o leitor”. A importância de se perceber que não podemos “nos atermos a uma espécie de prisão epistemológica que determina que aspecto da literatura (e da leitura literária, como conhecimento e/ou como experiência) deve ser considerado o

mais importante; todos o são.” (Diniz, 2012, p.22)

Neste sentido, ainda segundo Diniz (2012)

Estando o leitor em potencial no centro das nossas atenções, o mínimo que podemos fazer é sermos honestos com ele – expondo com clareza as benesses e os contratempos da leitura literária assim como seus papéis extraestéticos (sociais) – e não exigirmos dele o que ele não pode, ou não quer oferecer. (DINIZ, 2012, p.23)

O texto literário precisa ser escolhido pelo professor de acordo com as vivências de seus alunos para que estes possam fazer conexões com suas realidades e tentarem construir o saber.

2.5 IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

Em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. [...] Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. (TODOROV, 2010, p. 23–24)

Neste sentido, a interação é um fundamental instrumento para ser um bom leitor, a relação leitor e escritor se faz necessária na formação de novos leitores. Sendo assim é

...essencial a provocação que vem embutida na interação entre leitor e obra, isto é, a necessidade de uma resposta e a reformulação – ainda que redunde em reiteração – de conceitos e preceitos, sejam eles morais, éticos, culturais ou sociais. Todas essas noções são ainda mais relevantes quando pensamos em jovens leitores, tanto porque são leitores em formação quanto pelo fato de serem também seres humanos (especialmente) em formação. Portanto, por mais que tenhamos reservas herdadas dos modernos e dos estruturalistas em relação às funções idealistas da literatura – ou simplesmente ao entendimento de que a literatura possa ter funções para além do próprio texto e de sua fruição estética –, parece-me imprescindível que estas venham à tona como objeto de estudo numa investigação sobre o ensino de literatura no Ensino Médio. (DINIZ, 2012, p.25)

No âmbito do ensino escolar, Calvino (2009) traz as funções da literatura que explicam o porque de formar novos leitores

As coisas que a literatura pode buscar e ensinar são poucas, mas insubstituíveis: a maneira de olhar o próximo e a si próprio, de relacionar fatos pessoais e fatos gerais, de atribuir valor a pequenas coisas ou a grandes, de considerar os próprios limites e vícios e os dos outros, de encontrar as proporções da vida e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo, e o lugar da morte, o modo de pensar ou não pensar nela; a literatura pode ensinar a

dureza, a piedade, a tristeza, a ironia, o humor e muitas outras coisas assim necessárias e difíceis. O resto, que se vá aprender em algum outro lugar, da ciência, da história, da vida, como nós todos temos de ir aprender continuamente. (CALVINO, 2009, p.21)

É inegável como a literatura contribui para formação humana do indivíduo. “O saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens.” (BARTHES, 1980, p. 18–19). “Como processo, a leitura jamais é, ou deveria ser, generalizante; ao contrário, o momento essencialmente livre que é a fruição de um texto literário é (ou deveria ser) por definição individual, não importando quantas e de quais qualidades sejam as mediações por que passa tal momento.” (DINIZ, 2012, p. 24)

Pensar sobre a importância da literatura se torna essencial para futuros trabalhos já que a investigação sobre o ensino da literatura nas escolas carece de funções que vão além do texto em si.

CAPÍTULO III – LITERATURA E ESCOLA

3.1 O SURGIMENTO DA LEITURA LITERÁRIA NAS ESCOLAS

Segundo Souza (1999)

A aquisição de códigos de escrita pode ser atribuída às necessidades sociais de se organizar a posse de bens e sua comercialização pelos povos Acádios, nos milênios IV e III a.C. O rústico registro em tabuletas de argila para ilustrar a movimentação das propriedades estimulou o surgimento de um procedimento mais elaborado e organizado de codificação. Posteriormente, até o ano 2600 a.C., a finalidade era a redação de contratos e, depois, de documentos no campo jurídico. Ao fim do terceiro milênio a.C., foi utilizado em atividades religiosas e literárias (SOUSA, 1999, p.130).

Sobre este assunto Zilberman (2009) afirma

As novas práticas – jurídicas, religiosas e literárias –, que surgiram logo após o uso da escrita como registro de propriedade, pressupõem a intermediação de uma instituição, a escola. São os povos sumérios que se situam na origem da escrita, também foram eles que passaram a reproduzir textos canônicos vinculados a práticas religiosas. Como esses estavam emergindo, surgiu também a necessidade de pessoas capazes de reproduzi-los com propriedade, e a escola tornou-se, portanto, a entidade mediadora dessa função (ZILBERMAN, 2009, p. 45).

Neste sentido, a escrita sempre foi atrelada a práticas econômicas, religiosas e jurídicas da sociedade, ao mesmo tempo a escola sendo reflexo da sociedade se encarregou de difundir a escrita. Para compreender a escrita é preciso a leitura. Desde sempre escola e leitura estiveram atreladas. “Desde os sumérios, a transmissão do saber e das crenças ocorria por meio de textos escritos, o formato de texto contínuo, representado em um objeto que servisse de suporte, foi considerado uma forma de expressão mais privilegiada que outras de ordem visual ou performática.” (OLIVEIRA 2012).

Escola e literatura então sempre andaram juntas, “desde que o ensino leigo começou a se organizar, entre os gregos da antiguidade, os professores utilizavam a poesia como recurso no ensino da habilidade de ler e escrever. Mas, até então, a difusão de poesias dava-se apenas de modo oralizado. Assim, com o advento da escolarização, essas obras passaram por um processo de transcrição, transformando-se em texto escrito e, logo a seguir, em material didático.” (OLIVEIRA, 2012).

Durante todos os tempos, escola e literatura estiveram atreladas “afinal, durante séculos, a literatura exerceu papel fundamental na formação moral, no ensino da língua e na conscientização de uma cultura com raízes clássicas greco-latinas, dentro das salas de aula. (OLIVEIRA, 2012).

No século XIX começou-se o processo de escrita nas escolas, cuja sua principal função era o cunho moral. Na idade moderna se efetivou uma nova concepção para os primeiros anos, uma faixa etária que possui especificidades próprias e adequadas que permitiu maior dedicação, cuidado e união familiar. As famílias passaram a se responsabilizar por seus filhos, que deveriam atingir a idade adulta de modo saudável, tendo uma morte precoce evitada pelos pais; e de modo maduro, contando com a providência paterna para uma boa formação intelectual (ZILBERMAN, 2009).

Nos anos 70 e 80, “data em que se intensificaram e expandiram as discussões relativas à leitura na escola e ao papel da literatura no ensino”, pois o país vivia uma época de ditadura e manifestações contra o ensino autoritário. Neste contexto, “recebeu a literatura uma valorização específica, pois era nela que se colocavam as esperanças de superação dos problemas experimentados na sala de aula.”. Desta forma, “a literatura encarnava a utopia de uma escola renovada e eficiente, de que resultavam a aprendizagem do aluno e a gratificação profissional do professor.”(ZILBERMAN, 2009)

No século XXI,

a globalização e o neoliberalismo impuseram novas formas de financiamento da cultura, visto que o Estado, em muitas ocasiões, deixa-a ao desamparo. Por outro lado, obsoleceram críticas, como as emanadas dos pensadores associados à Escola de Frankfurt, condenando a indústria cultural e seus subprodutos, como os best-sellers, as histórias em quadrinho, a novela de televisão, ou as manifestações populares, como o cordel, o funk, o rap e o hip hop, expressões muitas vezes anônimas, como o causo, no meio rural, o grafite, no cenário urbano, e a fanfiction, no ambiente digital. O aparecimento dos Estudos Culturais e a sua consolidação na universidade sinalizam não apenas o novo olhar posto sobre a cultura, mas as modificações por que essa passou no trânsito do século XX para o XXI. A ruptura das fronteiras entre o centro e a periferia, o erudito e o popular, entre a “alta literatura” e o pop, entre o clássico e o fashion, o rural e o urbano, determinou certa euforia que vigora nos meios tanto acadêmicos, quanto artísticos. A constatação de que tudo é cultura, e de que tudo é válido, alarga as potencialidades de criação e de investigação, de que resulta o bem-estar reinante nos segmentos focados nas expressões da arte e do pensamento. Tudo o que mudou parece ter mudado para melhor – menos a escola, com suas consequências: a aprendizagem dos alunos, a situação do professor, as políticas públicas dirigidas à educação, para não se mencionarem as condições de trabalho, onde predomina a insegurança, e o espaço físico das salas de aula, degradado e degradante. Onde deveria reinar a mesma euforia, predominam a desolação, o desestímulo, os sentimentos de decepção e de fracasso. Com efeito, os problemas educacionais permanecem, tendo-se somado novas razões às antigas queixas. O empobrecimento da escola pública é visível em todo o país, ampliando-se a clivagem entre as instituições de ensino destinadas às classes pobres, localizadas na periferia urbana, e as que atendem as camadas superiores. A depauperação dos professores, submetidos a maus salários e ao desdém por parte do poder público, se evidencia em ambas as circunstâncias. Contudo, recaem sobre o professor e sobre o sistema escolar as maiores cobranças, seja por os velhos problemas persistirem, de que resultam performances negativas em avaliações contínuas (PISA, SAEB, entre outros), seja por não saberem se posicionar perante os novos desafios, os que são colocados pelas mudanças tecnológicas e científicas, que seguidamente monopolizam as preferências dos jovens, e os que dizem respeito à situação vivida, em nossos dias, pela mocidade, vítima e sujeito da violência urbana, rotineira no cotidiano nacional. (Zilberman, 2009, p. 14 e 15)

Pode-se notar que a longo do tempo, a escola tenta desvendar a maior questão em relação a leitura: Qual leitura cabe a escola estimular? Por muito tempo, a resposta desta pergunta estava em como “difundir a língua padrão e a literatura canônica, com a qual se identificavam os frequentadores das salas de aula.” No entanto, “quando se expandiu a escola brasileira, na esteira do processo de modernização da sociedade, associada à industrialização, à migração do campo para a cidade e ao crescimento da população urbana, aquela resposta mostrou-se insuficiente.” Houve-se a necessidade de mudança, e uma nova questão surgiu: “como formar leitores competentes de textos escritos informativos e, simultaneamente, bons apreciadores de literatura? Ou é preferível optar por preparar leitores em, ao menos, uma dessas modalidades, esperando que, por decorrência, o resultado conduza o aluno a outros tipos de texto?” (ZILBERMAN, 2009). Para esta autora, as novas concepções da escola precisam se ajustar aos novos tempos, não rejeitando todo o caminho percorrido, mas sim adequando-as para a melhoria do ensino. Nos últimos anos, “a leitura de obras completas e a

construção e uso de bibliotecas passaram a ter espaço na escola de modo ampliado, quase que generalizado. Contudo, nem todos os problemas da leitura literária nas escolas se acabaram, muito pelo contrário, ainda há longas caminhadas a se percorrer no que diz respeito à presença de obras literárias no ambiente escolar.” (OLIVEIRA, 2012)

3.2 PREPARAÇÃO PARA A LEITURA

Segundo Solé (1998)

Antes de se iniciar a leitura e/ou contação de histórias literárias para um determinado grupo de leitores é importante que seja feita uma introdução, pois essa contribuirá para a compreensão da obra apresentada. As estratégias de pré-leitura podem ser realizadas após uma breve reflexão do professor ou agente de leitura em relação às suas atitudes que podem prejudicar ou beneficiar a construção da competência leitora desses iniciantes no mundo da literatura. É importante que o professor ou agente de leitura revise sua concepção de leitura, pois isso fará com que ele projete determinadas experiências educativas em relação a ela. Deve-se ter em vista que ler é mais do que uma atividade mecânica e obrigatória, o ato de ler deve ser voluntário e prazeroso. Quando o mediador da leitura pensa assim, o estímulo desse mesmo raciocínio em seus estudantes tornasse algo mais fácil de ser alcançado. Por isso, o educador deve ter a clareza de que são momentos diferentes aqueles em que ele trabalha a leitura com a turma de leitores iniciantes e aqueles em que se faz uma leitura descompromissada com esse grupo. É importante que ambos os momentos sejam vivenciados, porém sua distinção é igualmente relevante. Não se pode esquecer, portanto, que a leitura deve ser um instrumento de aprendizagem, informação e deleite. Por isso, no momento prévio à leitura, o professor deve refletir ainda sobre como tornar a leitura mais significativa. Assim, ele deve decidir a situação oportuna para os diversos modos de leitura, optando pelo mais adequado para o momento: se a leitura oral; a leitura coletiva; a leitura individual e silenciosa ou mesmo; a leitura compartilhada. O professor deve também avaliar, previamente à atividade leitora, a complexidade da obra e a capacidade de seus alunos em enfrentá-la. (SOLÉ, 1998, p.62 apud OLIVEIRA, 2012, p.44)

Essas reflexões se tornam importantes pois podem contribuir para facilitar o ensino-aprendizagem não só no momento da leitura mas em todo o processo.

3.3 METODOLOGIA E LITERATURA

A cobrança do ensino é demasiada, pode-se notar esse fenômeno nas provas dos vestibulares, por exemplo. Com esta cobrança social o que se nota é que a formação de leitores durante a vida escolar está cada vez mais complicada, e dessa forma há o perigo de se

...criar estudantes continuamente dependentes das ações pedagógicas no que diz respeito à aquisição do conhecimento. Comumente é o que acontece (...) o ensino ainda privilegia os aspectos historiográficos da literatura e suas características

formais em detrimento da leitura como forma de realizar os estudos literários. Isso pode ser reflexo dessa sociedade automatizada, na qual vivemos e ainda pode ser reflexo das ações pedagógicas muito imediatistas. (SILVA, 2009, p. 128)

Como afirmou Josetti (2009) o aluno “participa ativamente dos eventos de letramento da sociedade em que está inserido – letramento entendido como processo de aprendizagem da leitura e da escrita” (p.2) . Neste sentido, é válido ressaltar que o papel do aluno à respeito da aquisição da leitura e escrita é muito importante, papel este que a escola e os docentes precisam estar atentos para que ele possa ser desenvolvido plenamente.

O ensino de literatura tem um papel importante dentro de sala de aula para formação de pessoa críticas e formadoras de opinião. No entanto o que se vê são alunos que chegam aos anos finais do ensino fundamental com uma grande dificuldade de leitura com fluência e compreensão. Segundo Cosson (2006)

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (...) ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. (COSSON, 2006, p.17)

Nessa percepção, se faz necessário estudar o desinteresse dos jovens alunos para com a leitura de textos literários para não somente ler mas sim compreender e refletir sobre o que se está lendo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000) a concepção de leitura está atrelada a importância de se trabalhar nas escolas a reflexão:

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral.

Essa concepção destaca a natureza social e interativa da linguagem, em contraposição às concepções tradicionais, deslocadas do uso social. O trabalho do professor centra-se no objetivo de desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno, incentivando a verbalização da mesma e o domínio de outras utilizadas em diferentes esferas sociais. Os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura, são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos e a literatura integra-se à área de leitura.

A interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa. Esse princípio

anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo. Semelhante distorção é responsável pelas dificuldades dos alunos em compreender estaticamente a gramática da língua que falam no cotidiano. (BRASIL, 2000, p.18)

Entretanto o que se vê até hoje, é que não se tem buscado uma concepção que leva os alunos a refletirem sobre os textos lidos nem os perceber como processos sócio comunicativos.

O ensino da literatura nas escolas precisa enfatizar a leitura para produção de sentidos e diferentes maneiras de se perceber um texto. O aluno deverá se questionar, fazer perguntas e indagações, aprofundar no universo da leitura.

3.4 LEITURA DA LITERATURA

Atualmente cabe a literatura “a responsabilidade pela formação do leitor.” Desta forma, “a execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à leitura, do que advém a validade dessa.” (ZILBERMAN, 2009). Saber e refletir sobre o que se está lendo é de grande importância neste processo.

A leitura da literatura se faz importante em todas as etapas e modalidades de ensino, em relação a leitura no Ensino Fundamental Oliveira (2012) aponta

O processo de ensino da leitura é bastante complexo e os problemas identificados nesse processo situam-se desde o modo como a leitura é conduzida pelos educadores e relevância identificada no Projeto Político Pedagógico da escola, até a própria conceitualização do que é leitura. A leitura é um dos objetivos prioritários do Ensino Fundamental. O esperado é que, ao final dessa etapa escolar, os alunos estejam lendo de modo competente e autônomo. Claro que dificuldades de leitura sempre podem existir, no entanto, esses alunos, por meio de sua competência leitora e recursos apreendidos, poderão superar as incompreensões. (OIVEIRA, 2012, p. 31)

Em relação ao papel do professor diante do que apresentar aos alunos do Ensino Fundamental, Oliveira (2012) afirma

Sabendo-se que a leitura é tão importante, torna-se igualmente relevante sua conceitualização. Afinal, para se compreender como se dá a leitura nas salas de aula, é importante que saibamos qual a concepção adotada pelo professor do termo leitura, pois só assim ele poderá dar ênfase nessa atividade a fim de que o ciclo do processo de leitura se complete. A forma pela qual o professor concebe o processo de leitura orienta todas as suas ações de ensino dentro da classe escolar. Isso nos leva a refletir que, se o professor tem consigo arraigado o pensamento de que ler é

simplesmente decodificar, isto é, traduzir a escrita em fala, seu planejamento ficará restrito a atividades que privilegiem quase que exclusivamente a leitura de textos em voz alta pelos seus alunos, sem nenhuma intervenção visando à compreensão leitora, pois para ele o “mais importante” já está sendo feito. Se a percepção do que é leitura for redutora e simplista, não há dúvidas de que a educação dos leitores vai ser conduzida de maneira precária, quando não deletéria aos propósitos pretendidos. (OIVEIRA,2012, p. 31)

Diante do exposto, o professor em sala de aula precisa trabalhar de forma que seus alunos desenvolvam compreensão e reflexão leitora a partir de suas aulas e textos. O professor precisa ter enraizado em suas ideias, atividades e planejamentos que processo de leitura está baseado em uma perspectiva interativa, ou seja, que “o leitor é aquele que é capaz de ler textos, valendo-se de seus conhecimentos prévios, e estabelecendo relações entre as ideias produzidas e a vida concretamente vivida em sociedade. Porque ler não é repetir fonemas, não é traduzir palavras, nem memorizar textos e/ou copiar suas ideias transmitidas.” (SILVA, 2005).

De acordo com Bakhtin (1981) para a leitura existe 3 etapas: “A recepção propriamente dita (em que estão em jogo fatores como ruído); 2. A compreensão passiva do sentido; 3. A atitude responsiva ativa.” (BAKHTIN 1981)

Segundo ele a compreensão do que se está lendo é a fase inicial para que uma resposta seja dada, podendo esta ser verbalizada ou não. Se espera do leitor uma compreensão ativa, se for somente a compreensão passiva “duplicaria seu pensamento no espírito do outro”. O que se espera é “uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução etc.”. (BAKHTIN 1981)

Oliveira (2012), a luz de Isabel Solé (1998), afirma

O processo de leitura é compreendido com base numa perspectiva interativa. Pode-se dizer que o modelo interativo é uma síntese e uma integração de outros enfoques elaborados ao longo da história para explicar o processo de leitura. Essas diversas explicações podem agrupar-se em torno dos modelos hierárquicos ascendente – bottomup – e descendente – top down. O modelo hierárquico ascendente considera que o leitor constrói seu entendimento iniciando-se pelas letras, logo após pelas palavras, depois pelas frases e assim sucessivamente, em um processo crescente. As propostas de ensino que se baseiam nesse modelo atribuem demasiada importância às habilidades de decodificação, pois julgam que a compreensão provém da decodificação total de um texto. Esse modelo está focado na decodificação do texto e ignora o fato de que inferimos informações a todo o tempo, lemos sem perceber incorreções de grafia e ortografia, e até mesmo, somos capazes de compreender um texto sem entender a totalidade de elementos que o compõem. Já o modelo descendente – top down – prega o oposto. Nesse modelo, o conhecimento e a compreensão não são resultado da escadinha formada por letras, palavras e frases, o leitor usa seu conhecimento prévio e seus recursos de cognição para fazer previsões sobre o conteúdo do texto, sendo depois necessário recorrer ao texto para descobrir se suas antecipações se cumpriram. Desse modo, quanto mais conhecimentos um leitor tiver sobre o que está lendo, mais fluida será sua leitura e menos ele precisará

se fixar ao texto. O modelo descendente, portanto, também instaura uma hierarquia, porém trata-se de uma hierarquia descendente, por meio de hipóteses e antecipações prévias. Os métodos de ensino embasados nesse modelo são conhecidos pelo nome de métodos globais. (OLIVEIRA, 2012, p.32-33)

Nota-se que o modelo interativo seria bem mais adequado para sala de aula, uma vez que ele não está centrado no texto ou no leitor, mas sim em ambos, valorizando os conhecimentos prévios do leitor. Ainda sobre este assunto Solé (1998) afirma que

Quando o leitor se situa perante o texto, os elementos que o compõem geram neles expectativas em diferentes níveis (o das letras, das palavras...), de maneira que a informação que se processa em cada um deles funciona como input para o nível seguinte; assim, através de um processo ascendente, a informação de propaga para níveis mais elevados. Mas, simultaneamente, visto que o texto também gera expectativas em nível semântico, tais expectativas guiam a leitura e buscam sua verificação em indicadores de nível inferior (léxico, sintático, grafo-tônico) através de um processo descendente. Assim, o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento do mundo e seu conhecimento do texto para construir uma interpretação sobre aquele. Do ponto de vista do ensino, as propostas baseadas nesta perspectiva ressaltam a necessidade de que os alunos aprendam a processar o texto e seus diferentes elementos, assim como as estratégias que tornarão possível sua compreensão. (SOLÉ, 1998, p.24 apud OLIVEIRA, 2012, p.33)

Observa-se que os textos abordam o mesmo assunto: flores, porém de formas diferentes e nem todos são literários. No exemplo 1, a linguagem é mais jornalística, já o exemplo 2 tem uma abordagem mais científica. No exemplo 3 trata-se de um texto literário que narra a descrição de ações, o exemplo 4 se difere de todos pois está escrito em versos cabendo várias interpretações subjetivas. Neste sentido Oliveira traz como diferenciar os textos literários e não-literários e afirma que

...distinção de um texto literário do texto não literário não é complexa. Para o texto não literário, o mais importante é a informação a ser transmitida, porém ao texto literário importa mais a maneira como se processa a informação. O que o torna literário não é o fato de contar uma história, mas a maneira como o narrador constrói e transmite essa história. Por isso, a literatura não é uma descrição objetiva nem um retrato: é uma representação ou recriação da realidade. (OLIVEIRA, 2012, p. 37)

Nas salas de aula, o professor precisa estar atento à

... a diversidade de textos com os quais os alunos deparam na escola e fora dela é muito grande, por isso existe a necessidade de esse aluno, enquanto leitor, reconhecer os gêneros e tipos textuais e saber identificá-los, ainda que não seja de modo conscientemente planejado. O professor, ao ensinar o que é literatura, deve valer-se desse momento apresentando também o que não é literatura, para que os alunos tenham o conhecimento de que existem textos literários e textos não literários. Como exemplificado anteriormente, existem textos que abordam a mesma temática, porém em gêneros textuais distintos. Posteriormente, o professor poderá valer-se de textos literários para ilustrar os diferentes tipos textuais com os quais os

alunos podem-se encontrar em sua trajetória leitora, preparando, desse modo, os leitores iniciantes para os diversos caminhos em que podem adentrar. (OLIVEIRA, 2012, p. 37)

Todos os gêneros de textos precisam ser apresentados aos alunos para que eles possam reconhecer o que é literatura e o que não é. Esse exercício é muito importante pois exercita a autonomia dos alunos e suas capacidades de interpretação. Neste sentido, de acordo com Solé (1998)

...poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos, contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. O leitor que adquiriu essa base em sala de aula, ou em ambientes de leitura mediada, é um leitor ativo que sabe o que lê e por que lê, que assume sua responsabilidade ante a leitura, que sabe criticar e refletir o que lê, ou seja, é um leitor competente e autônomo. (SOLÉ, 1998, p.49 apud OLIVEIRA, 2012 p. 37-38)

Segundo Zilbermam (2009), os textos literários provocam nos alunos uma experiência que

...decorre das propriedades da literatura enquanto forma de expressão, que, utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade dessa de construir um mundo coerente e compreensível, logo, racional. Esse universo, da sua parte, alimenta-se da fantasia do autor, que elabora suas imagens interiores para se comunicar com o leitor. Assim, o texto concilia a racionalidade da linguagem, de que é testemunha sua estrutura gramatical, com a invenção nascida na intimidade de um indivíduo; e pode lidar com a ficção mais exacerbada, sem perder o contato com a realidade, pois precisa condicionar a imaginação à ordem sintática da língua. Por isso, a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas revela-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas. (...) a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado da rotina, leva o leitor a refletir sobre seu cotidiano e a incorporar novas experiências. A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAN, 2009, p.17)

Neste sentido, o professor precisa trazer esse mundo da literatura para sala de aula, pois além do aspecto individual citado acima, o aspecto social é muito importante já que as

trocas de experiências vivenciadas dos alunos leitores estimulam o diálogo e a discussão de preferências a fim de expandir seus limites.

3.5 A ESCOLA

De acordo com Zilberman (2009) “a educação compartilha com literatura a perspectiva utópica a que essas apontam.” Neste sentido, para a autora “educar é extrair, levar avante, conduzir para fora e para frente. Funda-se, pois, em um ideal, o de que é possível mudar a atitude individual e a configuração da sociedade por meio da ação humana.” O ensino baseado na literatura “resulta em uma prática dialógica talvez seja tão utópico ou romântico quanto qualquer projeto que, hoje, se refira à educação no Brasil.”

A concretização de um diálogo entre o ensino e a literatura se faz necessário nos dias atuais, pois os limites da educação já são conhecidos. Tentar buscar a “emancipação dos indivíduos que participam do sistema de ensino, sejam professores ou alunos, porque o processo da aprendizagem é permanente e afeta a ambos” (ZILBERMAN, 2009), para que se faça uma educação emancipatória que não fuja da fala dos sujeitos envolvidos. Neste sentido a autora Zilberman (2009) afirma:

A literatura desempenha papel fundamental, e talvez até o lidere, como aconteceu nos seus inícios, quando a poesia da epopéia formava os cidadãos da pólis grega. Talvez até tenha condições de desencadeá-lo, fazendo-o sem comprometer sua história, nem desmentir sua identidade ou alterar sua função. (ZILBERMAN, 2009, p. 22)

São muitos os desafios da literatura nas escolas, o desenvolvimento da leitura depende do contínuo convívio com os livros desde a educação infantil, da valorização de seu grupo social e da disponibilidade e qualidade de livros dentro da biblioteca da escola. Além disso, é importante ressaltar a tolerância e paciência do professor no momento de leitura com os alunos.

3.6. O ENSINO DA LITERATURA NOS LIVROS DIDÁTICOS

O livro didático concebe o ensino de literatura apoiado no tripé leitura-texto-exercício. A mudança de apenas um dos termos – nos casos recentes, os textos são atuais – não parece suficiente para motivar a transformação dos demais; pelo contrário, reforça a manutenção das características gerais. Se estas persistem, é porque respondem a exigências superiores, formuladas pelo conjunto da sociedade e, particularmente, pela indústria livreira nacional. (Zilberman, 1988, p. 111)

A forma conservadora com que os estudos didáticos até hoje se apresentam

...é mediada e influenciada por diversos mecanismos e poderes que fogem completamente da esfera do ensino ou da teoria literária. Um exemplo são os diferentes níveis de dificuldade (incluindo o custo financeiro) impostos pelos próprios autores ou pelos detentores dos direitos autorais de suas obras, sobre a reprodução destas nos manuais didáticos, que viabilizam ou não o aparecimento delas – e consequentemente sua apresentação aos estudantes – nos livros. Outro fator é o importantíssimo peso dos livros didáticos no faturamento das editoras: livros de autores “conceituados”, isto é, tradicionais, cujos nomes soam familiares e, portanto, “confiáveis” têm lugar privilegiado na escolha de professores que estão distantes das teorias e abordagens mais modernas do ensino/estudo de literatura. Do mesmo modo, as próprias abordagens mais “tradicionais” – isto é, muitas vezes antigas e obsoletas nas academias – geram sensação de segurança em professores (e diretores) de escolas que utilizam os livros didáticos como principal instrumento de ensino em sala de aula. Como são esses professores que escolhem os livros didáticos a serem usados, as editoras, com foco no faturamento, parecem-me seguir a lei do mercado, isto é, produzem o que é demandado, e os modelos desgastados são reproduzidos com poucas e lentas modificações ao longo dos anos, no intuito de os livros se manterem na lista dos mais usados, e vendidos. (DINIZ, 2012, p.50-51)

Talvez por ser cômodo para a comunidade escolar, o livro didático se mostra de uma forma pouco satisfatória para o que se pretende de um jovem leitor. Os dados mostram que na maioria dos casos, a literatura está integrada ao livro didático de língua portuguesa. Estes dados estão sintetizados nas tabelas a seguir:

Tabela 1: COLEÇÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA MAIS DISTRIBUÍDAS EM 2017 NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

**FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - FNDE
PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO - PNLD**

COLEÇÕES MAIS DISTRIBUÍDOS - PNLD 2017 - ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Língua Portuguesa

Item	Código da Coleção	Nome da Coleção	Código do Livro	Nome do Título	Tipo	Qtde de Exemplares	Qtde de Exemplares				
1º	0055P17012	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	0055P17012006I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	LIVRO DO ALUNO	1.572.329	5.792.922				
			0055P17012006I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	MANUAL DO PROFESSOR	32.971					
			0055P17012007I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	LIVRO DO ALUNO	1.472.438					
			0055P17012007I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	MANUAL DO PROFESSOR	32.035					
			0055P17012008I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	LIVRO DO ALUNO	1.365.793					
			0055P17012008I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	MANUAL DO PROFESSOR	31.132					
			0055P17012009I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	LIVRO DO ALUNO	1.255.918					
			0055P17012009I	PORTUGUÊS: LINGUAGENS	MANUAL DO PROFESSOR	30.315					
2º	0061P17012	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	0061P17012006I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	LIVRO DO ALUNO	305.353	1.108.198				
			0061P17012006I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	MANUAL DO PROFESSOR	7.279					
			0061P17012007I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	LIVRO DO ALUNO	279.440					
			0061P17012007I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	MANUAL DO PROFESSOR	6.976					
			0061P17012008I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	LIVRO DO ALUNO	258.930					
			0061P17012008I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	MANUAL DO PROFESSOR	6.760					
			0061P17012009I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	LIVRO DO ALUNO	236.898					
			0061P17012009I	SINGULAR & PLURAL - LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM	MANUAL DO PROFESSOR	6.562					
3º	0101P17012	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS	0101P17012006I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 6	LIVRO DO ALUNO	302.313	1.099.009				
			0101P17012006I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 6	MANUAL DO PROFESSOR	7.169					
			0101P17012007I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 7	LIVRO DO ALUNO	279.456					
			0101P17012007I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 7	MANUAL DO PROFESSOR	6.995					
			0101P17012008I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 8	LIVRO DO ALUNO	256.070					
			0101P17012008I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 8	MANUAL DO PROFESSOR	6.615					
			0101P17012009I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 9	LIVRO DO ALUNO	234.039					
			0101P17012009I	PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS 9	MANUAL DO PROFESSOR	6.377					
			4º	0034P17012	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS	0034P17012006I		PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 6º ANO	LIVRO DO ALUNO	279.078	1.023.308
						0034P17012006I		PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 6º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	6.616	
0034P17012007I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 7º ANO	LIVRO DO ALUNO				258.185					
0034P17012007I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 7º ANO	MANUAL DO PROFESSOR				6.374					
0034P17012008I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 8º ANO	LIVRO DO ALUNO				240.196					
0034P17012008I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 8º ANO	MANUAL DO PROFESSOR				6.156					
0034P17012009I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 9º ANO	LIVRO DO ALUNO				220.755					
0034P17012009I	PROJETO TELÁRIS PORTUGUÊS - 9º ANO	MANUAL DO PROFESSOR				5.946					

Fonte: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em:
<file:///C:/Users/PC/Downloads/PNLD%202017%20%20Colees%20mais%20distribudas%20po%20compon
ente%20curricular%20-%20Sries%20finais%20Ensino%20Fundamental.pdf>

Tabela 2: CONTINUAÇÃO

5º	0139P17012	TECENDO LINGUAGENS	0139P17012006I	LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO	LIVRO DO ALUNO	276.925	1.017.914
			0139P17012006I	LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.712	
			0139P17012007I	LÍNGUA PORTUGUESA - 7º ANO	LIVRO DO ALUNO	258.359	
			0139P17012007I	LÍNGUA PORTUGUESA - 7º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.510	
			0139P17012008I	LÍNGUA PORTUGUESA - 8º ANO	LIVRO DO ALUNO	240.238	
			0139P17012008I	LÍNGUA PORTUGUESA - 8º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.311	
			0139P17012009I	LÍNGUA PORTUGUESA - 9º ANO	LIVRO DO ALUNO	220.722	
			0139P17012009I	LÍNGUA PORTUGUESA - 9º ANO	MANUAL DO PROFESSOR	5.137	
6º	0073P17012	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA	0073P17012006I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 6	LIVRO DO ALUNO	209.112	745.556
			0073P17012006I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 6	MANUAL DO PROFESSOR	5.274	
			0073P17012007I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 7	LIVRO DO ALUNO	188.011	
			0073P17012007I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 7	MANUAL DO PROFESSOR	5.039	
			0073P17012008I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 8	LIVRO DO ALUNO	171.830	
			0073P17012008I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 8	MANUAL DO PROFESSOR	4.844	
			0073P17012009I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 9	LIVRO DO ALUNO	156.808	
			0073P17012009I	UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA 9	MANUAL DO PROFESSOR	4.672	

Fonte: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em:
<file:///C:/Users/PC/Downloads/PNLD%202017%20%20Colees%20mais%20distribudas%20po%20compon
ente%20curricular%20-%20Sries%20finais%20Ensino%20Fundamental.pdf>

Tabela 3: COLEÇÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA MAIS DISTRIBUÍDAS EM 2015 NO ENSINO MÉDIO

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO Programa Nacional do Livro Didático - PNLD							
PNLD 2015 - Coleções mais distribuídas por componente curricular Português							
	Código	Título	Tipo	Qtde. Página	Cad. Tipo	Quantidade	Quantidade por Coleção
1ª	27614CD101	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	400	26	939.687	2.313.339
	27614CD101	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	464	30	12.398	
	27614CD102	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	400	26	727.379	
	27614CD102	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	464	30	10.289	
	27614CD103	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	400	26	614.355	
	27614CD103	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	464	30	9.231	
2ª	27599CD101	NOVAS PALAVRAS	L	400	26	633.557	1.548.498
	27599CD101	NOVAS PALAVRAS	M	512	33	8.371	
	27599CD102	NOVAS PALAVRAS	L	400	26	485.693	
	27599CD102	NOVAS PALAVRAS	M	512	33	6.966	
	27599CD103	NOVAS PALAVRAS	L	400	26	407.640	
	27599CD103	NOVAS PALAVRAS	M	496	32	6.271	
3ª	27611CD101	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	L	400	26	335.572	822.319
	27611CD101	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	M	512	33	4.466	
	27611CD102	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	L	400	26	257.807	
	27611CD102	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	M	512	33	3.688	
	27611CD103	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	L	400	26	217.480	
	27611CD103	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	M	512	33	3.306	
4ª	27578CD101	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 1	L	360	23,5	279.087	693.452
	27578CD101	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 1	M	432	28	3.801	
	27578CD102	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 2	L	352	23	220.169	
	27578CD102	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 2	M	424	27,5	3.245	
	27578CD103	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 3	L	368	24	184.228	
	27578CD103	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 3	M	440	28,5	2.922	

Fonte: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em:<file:///C:/Users/Giovanna/Downloads/pnld_2015colecões_mais_distribuídas_por_componente_curricular-ensino_medio%20(3).pdf>

Tabela 4: CONTINUAÇÃO

	27578LU103	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 3	M	440	28,5	2.922	
5ª	27615CD101	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	L	392	25,5	277.827	677.698
	27615CD101	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	M	504	32,5	3.539	
	27615CD102	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	L	352	23	210.102	
	27615CD102	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	M	464	30	2.869	
	27615CD103	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	L	384	25	180.785	
	27615CD103	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	M	496	32	2.576	
6ª	27633CD101	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 1	L	400	26	256.730	631.835
	27633CD101	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 1	M	512	33	3.368	
	27633CD102	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 2	L	392	25,5	199.540	
	27633CD102	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 2	M	504	32,5	2.784	
	27633CD103	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 3	L	400	26	166.926	
	27633CD103	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 3	M	512	33	2.487	
7ª	27577CD101	LÍNGUA PORTUGUESA	L	392	25,5	119.793	297.447
	27577CD101	LÍNGUA PORTUGUESA	M	504	32,5	1.676	
	27577CD102	LÍNGUA PORTUGUESA	L	368	24	94.331	
	27577CD102	LÍNGUA PORTUGUESA	M	472	30,5	1.442	
	27577CD103	LÍNGUA PORTUGUESA	L	384	25	78.906	
	27577CD103	LÍNGUA PORTUGUESA	M	480	31	1.299	
8ª	27640CD101	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 1	L	336	22	93.232	232.643
	27640CD101	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 1	M	392	25,5	1.304	
	27640CD102	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 2	L	320	21	74.052	
	27640CD102	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 2	M	384	25	1.133	
	27640CD103	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 3	L	336	22	61.910	
	27640CD103	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 3	M	400	26	1.012	
9ª	27613CD101	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 1º ANO	L	256	17	82.668	203.332
	27613CD101	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 1º ANO	M	320	21	1.121	
	27613CD102	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 2º ANO	L	240	16	64.404	
	27613CD102	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 2º ANO	M	304	20	951	
	27613CD103	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 3º ANO	L	248	16,5	53.340	
	27613CD103	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 3º ANO	M	320	21	848	
10ª	27616CD101	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 1	L	400	26	60.110	147.640
	27616CD101	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 1	M	512	33	824	
	27616CD102	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 2	L	400	26	45.997	
	27616CD102	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 2	M	512	33	687	
	27616CD103	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 3	L	400	26	39.393	
	27616CD103	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 3	M	512	33	629	

Fonte: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em:<file:///C:/Users/Giovanna/Downloads/pnld_2015colecões_mais_distribuídas_por_componente_curricular-ensino_medio%20(3).pdf>

Tabela 5: EDITORAS MAIS VENDIDAS EM 2017

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2017

Ensino Fundamental e Médio - Valores Negociados para Livros Impressos e MecDaisy por Editora

EDITORA	TIRAGEM Campo	TIRAGEM 1º ao 5º Ano	TIRAGEM 6º ao 9º Ano	TIRAGEM Ensino Médio	TIRAGEM TOTAL	TÍTULOS ADQUIRIDOS	TIRAGEM MÍDIA	QTD DE CADERNOS TIPOGRÁFICOS	R\$ / CADERNO TIPOGRÁFICO	R\$ / MÍDIA POR EXEMPLAR	R\$ / TOTAL IMPRESSO	R\$ / MECDAISY	VALOR TOTAL / R\$
ÁTICA	-	7.570.438	10.807.493	5.856.206	24.234.137	212	114.312	448.440.076	0,44	8,09	195.968.442,60	513.728,28	196.482.170,88
SCIPIONE	-	1.149.957	6.424.745	1.527.297	9.101.999	116	78.466	147.025.835	0,47	7,53	68.546.840,08	361.249,04	68.908.089,12
MODERNA	-	4.494.279	12.636.700	3.456.879	20.587.858	218	94.440	373.791.889	0,46	8,27	170.337.034,89	662.188,50	170.999.223,39
FTD	4.913.698	4.382.263	15.179.633	3.066.882	27.542.476	228	120.800	507.692.311	0,45	8,20	225.962.027,56	454.020,56	226.416.048,12
SARAIVA	-	5.506.136	14.903.804	3.403.341	23.813.281	310	76.817	414.814.366	0,45	7,89	187.853.145,61	923.938,18	188.777.083,79
SM	-	1.804.404	5.837.779	4.321.259	11.963.442	190	62.965	197.269.180	0,49	8,08	96.659.629,87	476.326,62	97.135.956,49
DO BRASIL	-	908.742	4.328.794	436.666	5.674.202	116	48.916	110.532.202	0,53	10,29	58.413.164,79	329.352,26	58.742.517,05
IBEP	128.539	1.373.743	1.522.436	1.770.181	4.794.899	130	36.884	92.436.986	0,54	10,46	50.169.602,77	140.324,23	50.309.927,00
BASE	-	372.954	-	101.667	474.621	52	9.127	7.506.651	0,92	14,54	6.901.336,62	0,00	6.901.336,62
GLOBAL	2.391.586	-	-	-	2.391.586	24	99.649	31.778.519	0,48	6,38	15.253.689,12	0,00	15.253.689,12
CEREJA	-	89.307	-	-	89.307	18	4.962	1.407.056	1,17	18,43	1.645.895,96	0,00	1.645.895,96
POSITIVO	-	578.395	302.629	244.833	1.125.857	124	9.079	18.133.734	1,02	16,37	18.426.001,98	93.586,30	18.519.588,28
LEYVA	-	1.117.004	1.200.300	499.645	2.816.949	104	27.086	50.058.216	0,67	11,90	33.512.463,62	220.800,83	33.733.264,45
MACMILLAN	-	-	1.767.620	5.382.282	7.149.902	20	357.495	118.342.386	0,46	7,55	53.950.108,11	71.440,76	54.021.548,87
ESCALA	-	157.054	-	886.585	1.043.639	46	22.688	18.514.000	0,78	13,78	14.376.646,17	0,00	14.376.646,17
AJS	-	-	117.133	615.122	732.255	26	28.164	15.039.476	0,84	17,24	12.621.021,61	51.774,45	12.672.796,06
PEARSON	-	-	-	18.333	18.333	6	3.056	325.202	1,20	21,29	390.242,40	0,00	390.242,40
ZAPT	-	208.623	-	-	208.623	10	20.862	3.749.861	0,96	17,26	3.599.866,56	0,00	3.599.866,56
DIMENSÃO	-	135.791	240.067	-	375.858	44	8.542	7.894.669	1,03	21,53	8.093.800,53	56.548,80	8.150.349,33
QUINTETO	-	-	333.279	-	333.279	8	41.660	5.671.758	0,67	11,36	3.785.721,05	44.358,60	3.830.079,65
CCS	-	4.398	-	14.137	18.535	12	1.545	336.791	1,58	28,63	530.678,66	0,00	530.678,66
IMPERIAL	-	-	-	94.455	94.455	2	47.228	2.462.778	0,53	13,79	1.302.438,69	0,00	1.302.438,69
PAX	-	-	-	182.454	182.454	2	91.227	4.667.283	0,55	13,96	2.547.783,41	0,00	2.547.783,41
TOTAL	7.433.823	29.853.488	75.602.412	31.878.224	144.767.947	2.018	1.405.969	2.577.891.222	0,48	8,50	1.230.847.582,66	4.399.637,41	1.235.247.220,07

Fonte: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/PNLD%202017%20-%20Valores%20de%20aquisi%20por%20editora%20-%20Ensino%20Fundamental%20e%20Mdio.pdf>

O que se nota com estes índices é que nos livros didáticos de língua portuguesa há uma valorização do conteúdo gramatical em relação a leitura e literatura e uma repetitiva escolha sempre das mesmas editoras.

Segundo Costa Val e Castanheira (2005), poucas são as coleções de livros didáticos que explicitam os objetivos para a leitura de um texto, ou seja, enfatizam que a leitura é uma situação efetiva de interlocução. Desta forma, elas apontam uma melhoria da qualidade nos livros didáticos de língua portuguesa na atualidade, mas apontam, também, necessitam de avanços.

3.70 ESTÍMULO À LEITURA

Segundo Lajolo (1985) “Se o professor não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor”. Sendo assim, como o professor pode exigir que seus alunos sejam bons alunos se o próprio professor não pratica o hábito da leitura?

A experiência com a leitura vai refletir diretamente no trabalho do professor pois está em suas mãos a formação de novos leitores. Colmer (2007) afirma

A experiência leitora do professor reflete-se diretamente no desenvolvimento de seu trabalho em sala de aula, considerando que esse educador tenha como finalidade a formação de novos leitores. O professor que exige leituras não consegue despertar interesse pelo ato de ler, portanto deveria valer-se de outras estratégias, como por exemplo, partilhar com os alunos sua própria felicidade de ler e sua vivência leitora. Essa postura do professor pode trazer conseqüências muito positivas no processo de formação de leitores competentes, afinal, se a relação do professor com o texto não é significativa, se ele não interage bem com as obras com as quais depara, a sua atuação como mediador de leitura fica comprometida. E não somente o educador não consegue despertar em seus alunos o prazer pela leitura, como pode atingir um efeito contrário, desenvolvendo nos alunos aversão pela leitura proposta na escola, comprometendo efetivamente o envolvimento do leitor aprendiz com a leitura. (COLMER, 2007, p. 180)

O professor precisa estar atento às estratégias que vai utilizar para não tornar a leitura para seus alunos uma obrigatoriedade sem fundamento, tentar mostrar a leitura como algo prazeroso que envolva o universo dos alunos e faça parte de suas vidas.

Neste sentido Chambers (1997) afirma:

Aqui há um livro maravilhoso, ali há um grupo de crianças, o que acontece em seguida? Em seguida fala-se (...) quando nosso melhor amigo nos diz que leu um livro maravilhoso e pensa que nós também devemos lê-lo, o que faz para ajudar-nos a começar é dizer-nos o que nele encontrou. Assim, nos familiariza com esse livro novo e, por isso, ameaçador. Diz-nos algo sobre seu enredo. Indica quais são as partes emocionantes. Diz-nos com que outros livros se parece, livros que ele sabe que já lemos. E compara-os ou fala sobre sua diferenças. São similares nestes aspectos, diz, e diferentes nestes outros. Também prepara-nos para as dificuldades. Siga adiante até o terceiro capítulo”, pode dizer- nos o amigo, „é difícil até esse ponto, mas depois você não poderá parar”. Em outras palavras, convence-nos a ler o livro por nós mesmos. Isso é, exatamente, o que os melhores promotores de leitura fazem sempre: convencer-nos a ler.(Chambers, 1997 apud COLOMER, 2007, P.101)

Segundo esse pensamento de Chambers (1997), o professor precisa ser um incentivador da leitura, ou seja, estimular o gosto pela mesma, buscando formas de introduzir o aluno ao mundo da leitura e literatura. A luz de Pennac (1993) pode-se afirmar que a imposição não é a melhor opção para leitores em formação, mas sim a oferta de forma leve ate que se torne habitual.

O professor deve respeitar a leitura do aluno, pois no começo da formação de alunos leitores o estudante ainda está desenvolvendo suas referenciastanto sociais como históricas. “Cabe ao professor a grande responsabilidade de orientar leituras, e para que tenha um bom desempenho nessa função, refletir sobre seus próprios hábitos e modos de ler pode ajudá-lo a definir estratégias e recursos de leitura mais adequados para o desenvolvimento de processos de formação de seus alunos.” (CHARTIER, 2001).

Segundo Kleiman (2002), atividades que envolvem verbal, musical e dramática podem despertar mais o interesse nos alunos iniciantes dos alunos. Tentar incentivar os alunos ao hábito da leitura se faz mais do que essencial para o professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do aluno para ser completa, há uma necessidade de se efetivar o ensino da Literatura com base na leitura. Entretanto este fato parece ser uma realidade difícil de ser alcançada pelos estudantes dos anos finais do fundamental e ensino médio. Entre todas as propostas de ensino da literatura, a que tem se mostrado mais eficaz atualmente é a de ensinar e trabalhar com o aluno a partir das vivências e experiências deste com o objetivo de se trabalhar para expandir o universo conhecido do estudante.

Para que essa pedagogia emancipatória do indivíduo a partir da literatura se efetive é preciso de ter em mente o papel fundamental que está desempenha desde o início com as poesias, as epopéias e líricas declamadas até os dias atuais. Essas questões mostram que este trabalho é insuficiente para mostrar toda a realidade da escolarização da literatura, entretanto esta pesquisa pode servir de base novas investigações, para a definição e outros caminhos.

BIBLIOGRAFIA

ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J. Manifestações da compreensão responsiva na leitura. *Linguagem & Ensino*. Pelotas, v.14, n.1, p.201-221, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/14>> . Acesso em: 4 abr. 2018.

BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BRASIL. Decreto nº 7.559, de 01 de setembro de 2011. Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL e dá outras providências. Brasília: 2011.

Brasil. FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio. Brasília: 2000.

_____. FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. 2017.

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio. Brasília: 2000.
- CALVINO, I. O miolo do leão. Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*– a leitura literária na escola. São Paulo: Editora Global, 2007
- COSSON, Rildo. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- Costa Val, M. da G., & Castanheira, M. L. (2005). Cidadania e ensino em livros didáticos de alfabetização e de língua portuguesa (de 1ª a 4ª série). In M. G. Costa Val & E. Marcuschi (Orgs.), *Livros Didáticos de Língua Portuguesa: Letramento e Cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica.
- DINIZ, Ligia Gonçalves. *Entre o obrigatório e o proibido: a literatura e o leitor em livros didáticos de língua portuguesa para Ensino Médio*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, DF: 2012.
- EITERER, Carmem Lucia; ABREU, Juliana Valéria de. O letramento literário e a educação de jovens e adultos. In.: *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 149- 160, jan./abr. 2009.
- MORAIS, Lucimara Gomes Oliveira de. Políticas de leitura: a gestão do programa federal literatura em minha casa. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, DF: 2010.
- OGLIARI, Monalisa. *Política de leitura: a coleção “literatura para todos” e o letramento literário de jovens e adultos*. Brasília, 2013.
- OLIVEIRA, Thais. *Letramento Literário – A mediação da Leitura de obras literárias no processo de constituição de leitores competentes*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, DF: 2012.
- SILVA, Rosa Amélia Pereira. *Ler literatura: o exercício do prazer. Educação literária por meio de oficinas de leitura*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, DF: 2009.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro. DIFEL, 2010.
- ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K.(orgs.) *Escola e Leitura*–velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global Editora, 2009.